

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Dezembro de 2011

HIGINO, UM MITÓGRAFO LATINO EM TRADUÇÃO X. ANDRÓMEDA

«non istis digna catenis,
sed quibus inter se cupidi iuguntur amantes»
Ovídio, *Met.* 4. 678-9.

Estreado em Portugal em Abril de 2010, *Clash of the Titans* (*Confronto de Titãs*, na tradução portuguesa) foi realizado por Louis Leterrier, e relata a saga do célebre herói da Argólida, o semi-deus Perseu, fruto dos amores entre Zeus e a mortal Dânae.

Remake de um filme homónimo datado de 1981, este novo *Confronto de Titãs* reúne no seu elenco alguns nomes sonantes do grande ecrã, como Ralph Fiennes no papel de Hades, Liam Neeson como Zeus, Sam Worthington como Perseu, e Alexa Davalos no papel da bela Andrómeda, entre outros.

A verdade é que a indústria cinematográfica norte-americana percebeu há muito o potencial da mitologia greco-latina ao serviço da sétima arte, na composição de autênticos épicos que, em muitos casos, se tornaram marcas indeléveis na história do cinema.

Confronto de Titãs apresenta-nos uma releitura da lenda de Perseu e Andrómeda, mas pouco preocupada com a fidelidade à tradição mitológica, e mais focada na exploração de um visualismo opulento, característico dos *blockbusters* de Hollywood. Ao longo do filme, os espectadores são presenteados com belíssimas caracterizações, um guarda-roupa brilhante, múltiplas sequências de acção, cenários deslumbrantes e efeitos especiais de topo. Estas são as grandes mais-valias do filme que suscitou, contudo, por parte da crítica especializada, alguma condenação.

A maioria das críticas apontadas prende-se com a questão (ou será obsessão?) da exagerada concentração na estética visual, na plasticidade dos ambientes, em detrimento de outros factores importantes. Na verdade, também nos parece que foram descurados elementos fundamentais para a construção de uma obra sólida e completa: o argumento foi arquitectado de forma deficiente e apressada; e as personagens não encontraram espaço nem

tempo para se desenvolverem e aprofundarem ao longo da trama, ou seja, a sua densidade psicológica é reduzidíssima.¹

Relativamente à fidelidade à tradição mitológica, o filme apresenta bastantes alterações ao mito que não nos cabe aqui explorar exaustivamente. Porque é de Andrómeda que se ocupa o nosso texto, cumpre-nos salientar o reduzido relevo conferido a esta personagem, que surge muito despercebida em todo o desenrolar da acção, ganhando destaque apenas em dois momentos: na cena inicial do banquete, em que Cassiopeia, sua mãe, desafia os deuses, vangloriando-se da beleza da filha, e aquando do seu resgate. Além disso, nesta reinvenção do mito, as atenções amorosas do herói viram-se para Io, sacerdotisa de Hera e sua longínqua antepassada, que desempenha no filme a função de sua guardiã espiritual desde pequeno. O desfecho dá-se com o final feliz deste casal, enquanto Andrómeda é rejeitada por Perseu e acaba a governar Argos sozinha.

Clash of Titans 2, a sequência das aventuras de Perseu, já está na forja e tem a sua estreia prevista em Portugal para Março de 2012.

Higino, autor latino, compilador de *fabulae* mitológicas, dedica ao mito de Perseu duas fábulas, a LXIII e a LXIV, respectivamente intituladas *Danae* e *Andromeda*.

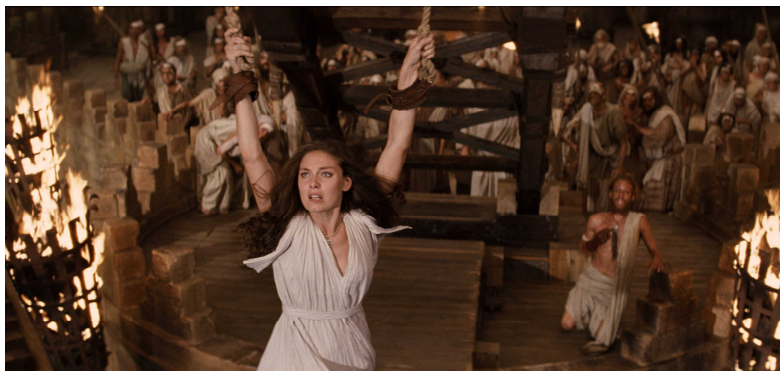
Ao longo destas páginas, dedicaremos a melhor das nossas atenções ao aspecto do mito relacionado com Andrómeda, a amada de Perseu. Por isso, seleccionamos a fábula LXIV, cujo texto original, tradução e exploração didáctica aqui apresentamos.

ANDROMEDA

1. Cassiope filiae suae Andromedae formam Nereidibus anteposuit. ob id Neptunus expostulavit ut Andromeda Cephei filia ceto obiceretur. 2. quae cum esset obiecta, Perseus Mercurii talaribus uolans eo dicitur uenisse et eam liberasse a periculo; quam cum adducere uellet, Cepheus pater cum Agenore, cuius sponsa fuit, Perseum clam interficere uoluerunt. 3. ille cognita re caput Gorgonis eis ostendit omnesque ab humana specie sunt informati in saxum. Perseus cum Andromeda in patriam redit. 4. Polydectes [siue Proetus] ut uidit Perseum tantam uirtutem habere, pertimuit eumque per dolum interficere

¹ A propósito da recepção da crítica vide http://en.wikipedia.org/wiki/Clash_of_the_Titans_%282010_film%29 (consultado a 20/11/11).

uoluit; qua re cognita Perseus caput Gorgonis ei ostendit et is ab humana specie est immutatus in lapidem.



Alexa Davalos no papel de Andrómeda

Fotograma de *Clash of the Titans*, de Louis Leterrier (2010)

ANDRÓMEDA

1. Cassiopeia afirmou que a beleza da sua filha Andrómeda superava a das Nereides. Por essa razão, Neptuno exigiu que Andrómeda, filha de Cefeu, fosse exposta a um monstro marinho. 2. Quando esta foi entregue, diz-se que Perseu surgiu a voar com as sandálias aladas de Mercúrio e a salvou do perigo. Quando a quis levar consigo, o seu pai Cefeu, e Agenor, de quem estava noiva, planejaram matá-lo em segredo. 3. Perseu, ao saber disto, mostrou-lhes a cabeça da Górgona e todos, perdendo a sua forma humana, foram transformados em pedra. Perseu regressou com Andrómeda à sua pátria. 4. Polidectes [ou Preto], quando viu que Perseu era tão corajoso, teve medo e quis matá-lo à traição. Quando Perseu descobriu isto, mostrou-lhe a cabeça de Górgona, e aquele, perdendo a sua forma humana, foi petrificado.

Higino e a tradição mitológica: Andrómeda

Andrómeda era filha de Cefeu, rei da Etiópia, e de Cassiopeia. Reza a lenda que a rainha cometeu a imprudência de se vangloriar da beleza da filha, afirmando que esta era mais formosa do que todas as Nereides.² Estas,

² Outras versões do mito contam que Cassiopeia se vangloriou da sua própria beleza.

indignadas com a *hybris* de Cassiopeia, solicitaram a Poséidon, deus dos mares, que as vingasse. O deus enviou então um terrível monstro marinho para assolar a região.

Cefeu, preocupado, decide consultar o oráculo de Ámon, que lhe responde que, para salvar o país deste flagelo, teria de sacrificar a sua única filha, Andrómeda. Contrafeito, o rei consentiu o sacrifício perante a pressão do seu povo, ordenando que a princesa fosse amarrada a um rochedo à beira-mar, e esperasse pela vinda do monstro.

Regressado da sua grande expedição contra a mais perigosa das Górgonas, Medusa, Perseu, o herói semi-deus, desembarca na costa da Etiópia e, ao deparar-se com a jovem em apuros, imediatamente se apaixona por ela. Faz então um pacto com o rei: resgatá-la-á, se Cefeu lhe garantir que, após a libertação, lha entregará como esposa. O rei concordou e assim Perseu socorre a donzela, matando o monstro marinho sem dificuldades, graças às armas mágicas que possuía.

Descontente, Fineu, um irmão de Cefeu, a quem Andrómeda estava prometida, urdiu um plano contra o herói, e atacou-o durante a festa do casamento, auxiliado pelos seus companheiros. Conta a lenda que Perseu retirou a cabeça de Medusa do alforge e, ao mostrá-la a Fineu e aos seus cúmplices, estes perderam a forma humana e ficaram petrificados.

Posteriormente, Perseu e Andrómeda abandonam a Etiópia, regressando à pátria do herói, onde geraram larga descendência. Depois da sua morte, Andrómeda foi colocada entre as constelações setentrionais, junto das de Perseu, Cefeu e Cassiopeia.

O resgate de Andrómeda é um dos episódios do mito que maior fascínio terá exercido sobre poetas e artistas, contudo os testemunhos que dele temos são tardios, todos posteriores ao séc. V a. C.³ Só a partir dessa altura encontramos relatos da figura de Andrómeda como vítima sacrificial e do seu resgate, através da produção teatral dos grandes trágicos Sófocles e Eurípides.

O peso desta tradição temática recai sobretudo em dois textos: a *Andrômeda* euripídiana, que chegou até nós de forma fragmentada, e o

³ Nas artes plásticas existe um testemunho antigo do tema, numa ânfora coríntia de figuras negras do século VI, mas que segue uma tradição diversa daquela que era a mais conhecida, pois surge Perseu não a lutar contra o monstro com a espada, mas a apedrejá-lo, auxiliado por uma Andrómeda, livre de grilhões, que lhe vai dando mais pedras.

momento que Ovídio lhe dedica nas suas *Metamorfoses*, principal fonte de inspiração para os desenvolvimentos do mito na posterior literatura.

De Eurípides, como já referimos anteriormente, apenas nos chegaram fragmentos da sua *Andrómeda*, apresentada pelo dramaturgo em 412 a.C., tendo sido posteriormente imitada por autores como Énio, Ácio e Lívio Andronico em tragédias homónimas.

Dos mais de quarenta fragmentos que sobreviveram à passagem do tempo, muitos conservaram-se graças aos escólios a Aristófanes. No ano de 411, o dramaturgo apresenta *As Mulheres que celebram as Tesmofórias*, comédia que dedica, pela primeira vez, ao tema da crítica literária, aproveitando para caricaturar o estilo euripidiano, e é nesse contexto que surge a sátira a *Andrómeda*, peça que obtivera grande sucesso no ano anterior.

Relativamente a Sófocles, não podemos, na verdade, saber em que medida Eurípides foi inovador, pois o que se conserva da sua *Andrómeda* é muito pouco.

Salientamos, pois, alguns elementos do mito a que temos acesso através dos fragmentos existentes da obra euripidiana. Dados como o facto de Perseu encontrar a donzela na praia, confundindo-a quase com uma estátua de mármore (fr. 125), o silêncio envergonhado da jovem e o início de um diálogo entre os dois (fr. 126) constam também do relato posterior ovidiano (*Met.* 671-686), e assim verificamos os laços que parecem unir estes dois autores. Outros fragmentos referem o pacto que Perseu fez com os pais de Andrómeda (fr. 129), ou o momento em que a princesa, após a libertação, pede ao herói que a leve com ele na qualidade de esposa ou escrava (fr. 132).

Estamos perante uma tragédia com final feliz, à semelhança de *Helena*, com a qual foi apresentada a concurso no mesmo ano, percebendo-se o gosto euripidiano pela temática amorosa bem como o seu apurado interesse pela exploração dos caracteres femininos.

O relato de Ovídio – outra das grandes fontes literárias do mito – ocupa uma extensão considerável das *Metamorfoses* (*Met.* 4. 610-5. 249). O episódio é propício aos objectivos do poeta de Sulmona, pois reúne duas componentes temáticas essenciais à sua obra: o amor e a metamorfose⁴. A

⁴ Vejamos alguns (dos numerosos) processos de metamorfose ao longo destes versos: Júpiter transformado em chuva de ouro (4. 611); a metamorfose de Atlas em monte (4. 657-662); o sangue de Medusa em Pégaso (4. 685-686); gotas do sangue de

acção centra-se na figura de Perseu, passando pelo encontro com Andrómeda, o seu resgate, e a morte do monstro. Ovídio dedica grande atenção ao banquete da boda, nomeadamente ao confronto entre Fineu e Perseu, que finaliza com a metamorfose dos inimigos do herói em pedra com a ajuda da cabeça de Medusa. A narração termina com a partida de Perseu e Andrómeda para Sérifo, sua terra-natal, e a petrificação de Preto e de Polidectes, rei da ilha.

Vejamos o momento em que Perseu encontra Andrómeda presa e se apaixona perdidamente pela princesa (*Met.* 4. 670-679):

*Illic inmeritam maternae pendere linguae
Andromedan poenas iniustus iusserat Ammon.
Quam simul ad duras religatam bracchia cautes
uidit Abantiades (nisi quod leuis aura capillos
mouerat et tepido manabant lumina fletu,
marmoreum ratus esset opus), trahit inscius ignes
et stupet; eximiae correptus imagine formae
paene suas quater est oblitus in aere pennas.
Vt stetit: «O» dixit «non istis digna catenis,
Sed quibus inter se cupidi iunguntur amantes.*

Aqui o injusto Ámon estipulara que Andrómeda pagasse um castigo imerecido por causa das palavras de sua mãe. Logo que o bisneto de Abante a viu, de braços acorrentados a um duro rochedo (não fosse a leve brisa mover os cabelos e dos olhos deslizarem tépidas lágrimas, julgaria tratar-se de estátua de mármore), ele, sem saber, inflama-se de paixão e fica siderado. Deslumbrado com a imagem da beleza que via, quase se esqueceu de bater as asas nos ares. Pousou diante dela e disse: 'Oh! Tu não mereces estes grilhões, mas sim os que acorrentam um ao outro os sôfregos amantes.⁵

Medusa em serpentes (4. 800-801); Fineu, Aconteu, Preto e Polidectes, e muitos outros anónimos, petrificados (5. 177); entre outros.

⁵ Tradução de Paulo Farmhouse Alberto, *Metamorfooses*, Livros Cotovia, Lisboa, Ed. 70, 2007.

O poeta sulmonense é indubitavelmente o autor cuja obra exerceu maior influência na difusão, variação e sobrevivência do mito ao longo dos tempos, quer na literatura quer nas artes em geral. Contudo, além de Ovídio e Eurípedes, além dos relatos de Apolodoro (2. 4.3), Eratóstenes (*Catast.* 15, 16, 17 e 36), Higino (*Fab.* 64 e *Poet. Astron.* 2.11), e do escoliasta de Lícofron (836 e 838), bem como de alusões dispersas em outras obras, não podemos deixar de mencionar o contributo de Marco Manílio nos *Astronómicos*, e de Luciano de Samósata nos *Diálogos marinhos*.

Relativamente a Manílio, em *Astronomica*, tratado didáctico sobre astrologia, o autor dedica o último episódio ao resgate de Andrómeda por Perseu (*Astron.* 5. 538-619), relatado como excursão etiológica da constelação de Andrómeda. Segue, de uma forma geral, a narração ovidiana, ao estruturar o tema em dois quadros: o salvamento da donzela (540-567) e o combate de Perseu com o monstro (569-619). A descrição do confronto com o animal revela muitas semelhanças com o relato feito por Ovídio, mas também algumas diferenças, nomeadamente o pormenor do monstro apresentado, que se assemelha mais a um dragão do que a um peixe (*Met.* 4. 725-727). Manílio encerra a sua narração com a notícia da boda e a transformação de Andrómeda em constelação (615-619).

O outro autor referido, Luciano de Samósata – mais conhecido pelos seus *Diálogos dos Mortos* – apresenta nos seus *Dialogi Marini* uma conversa entre Tritão e as Nereides (*Dial. mar.* 14). Trata-se do penúltimo de um conjunto de quinze diálogos entre divindades marítimas. A conversa versa sobre a libertação da princesa e a morte do monstro, numa explicação que segue, em traços genéricos, a versão ovidiana.

Salientamos dois aspectos desta exploração mitológica, de certa forma inovadores. Em primeiro lugar, no combate com o monstro, Perseu não só se serve da sua espada curva para o derrotar, como o petrifica mostrando-lhe a cabeça de Medusa, pormenor que não se verifica em Ovídio, mas surge em textos posteriores. Curiosamente, o filme de que falámos no início deste nosso texto envereda por esta opção mitológica, provavelmente devido à espectacularidade que esta acrescenta à cena.

Em segundo lugar, neste seu diálogo, Luciano apresenta uma explicação interessante para uma questão a que as restantes fontes ainda não tinham dado resposta, preenchendo assim um vazio na tradição mitográfica da lenda. A verdade é que o facto de Andrómeda ter sido resgatada pressupunha um incumprimento da vontade divina, contudo o mito não regista nenhuma consequência funesta para os Etfopes. No texto de Manílio, as Nereides

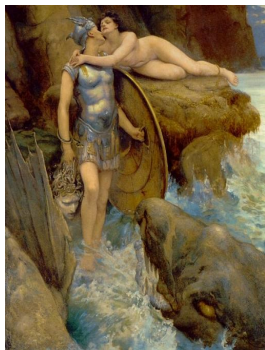
perdoam a ousadia da rainha Cassiopeia e esquecem o castigo – o sacrifício da filha – que fora exigido pelo seu acto de *hybris*. Para elas, é já suficiente o sofrimento por que passou a mãe, ao rezear pela vida da filha. As Nereidas alegram-se então pelo casamento de Perseu e Andrómeda.

Higino, o nosso mitógrafo, dedica a Andrómeda a fábula 64, seguindo a versão ovidiana nos seus principais elementos. Começa por relatar a *hybris* e refere que, como castigo, Neptuno terá exigido que a donzela fosse exposta a um monstro marinho. Foi Perseu, o filho de Zeus e Dânae, montado nas suas sandálias aladas, que a socorreu.

Em Ovídio, Cefeu, o pai de Andrómeda, fizera um pacto com Perseu: se o herói a salvasse, entregar-lha-ia como esposa. O casamento dá-se, apesar do confronto, durante o banquete, entre Fineu, irmão de Cefeu, a quem a donzela estaria prometida, e Perseu. Relativamente a este aspecto, Higino introduz uma variante no mito: Cefeu surge como opositor ao matrimónio, pois ter-se-ia arrependido da promessa de dar a filha em casamento ao herói argivo.

Além disso, Higino indica que Perseu luta não contra Fineu, mas contra Agenor, irmão gémeo de Belo. O pai de Andrómeda e Agenor ter-se-iam aliado numa conspiração. O herói defende-se, mostrando-lhes a cabeça da Medusa, que os transforma aos dois em pedra.

Depois disto, segundo o mitógrafo, Perseu regressa com Andrómeda à sua pátria, onde encontra Polidectes (ou Preto) que recebeu a valentia do herói, por isso, o tentou matar à traição. A fábula termina com a informação de que, mais uma vez, o filho de Zeus metamorfoseou o seu inimigo em pedra.



Perseus and Andromeda,
Charles Napier (1890)



Andromeda,
Gustave Doré (1869)

Tópicos de exploração didáctica**Sintaxe:**

- (1) Complemento circunstancial de companhia: *cum Agenore; cum Andromeda*
- (2) Complemento circunstancial de causa: construção de *ob* +acusativo
- (3) Complemento circunstancial de lugar ‘para onde’: *in patriam*
- (4) Complemento circunstancial de meio: *per dolum*
- (5) Oração subordinada temporal: *ut uudit*
- (6) Oração subordinada relativa: *cuius sponsa fuit*
- (7) Oração subordinada completiva de *ut*+conjuntivo: *expostulauit ut Andromeda (...) obiceretur*
- (8) Oração temporal-causal de *cum* + conjuntivo: *quae cum esset obiecta*
- (9) Ablativo absoluto: *cognita re*
- (10) A voz passiva: *esset obiecta; sunt informati; est immutatus*
- (11) Construção pessoal: *Perseus (...) dicitur uenisse*

Morfologia:

- (1) Substantivos de flexão greco-latina (*Cassiope; Perseus; Polydectes*)
- (2) Substantivos da 1.^a declinação (*filia, ae*), 2.^a (*Neptunus, i*); 3.^a (*pater, patris; uirtus, uirtutis; caput, capitis*); 5.^a (*res, rei; species, speciei*)
- (3) Pronome demonstrativo *is, ea, id*
- (4) Pronome demonstrativo *ille, illa, illud*
- (5) Pronome relativo *qui, quae, quod*
- (6) Pretérito perfeito do indicativo (*anteponit; expostulauit; fuit; uoluerunt; pertimuit*)
- (7) Pretérito imperfeito do conjuntivo (*obiceretur; uellet*)
- (8) Infinitivos presente (*adducere; interficere*) e perfeito (*uenisse; liberasse*).

MARIANA MONTALVÃO HORTA E COSTA MATIAS